

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

**MARCELA DE JESUS SILVA**

***ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO: BEBENDO DA FONTE LITERÁRIA***

ARAGUAÍNA

2018

**MARCELA DE JESUS SILVA**

***ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO: BEBENDO DA FONTE LITERÁRIA***

Monografia apresentada ao curso de Letras -  
língua portuguesa e suas literaturas - da  
Universidade Federal do Tocantins, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Eleuda de  
Carvalho

ARAGUAÍNA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586a Silva, Marcela de Jesus .  
ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO: : BEBENDO DA FONTE  
LITERÁRIA . / Marcela de Jesus Silva. – Araguaína, TO, 2018.  
32 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,  
2018.

Orientador: Maria Eleuda de Carvalho

1. A LITERATURA NOSSA DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE. 2.  
SOCIEDADE, PERIFERIA. 3. O PODER QUE A LITERATURA TEM.  
4. CONCLUSÃO. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde  
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica  
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**MARCELA DE JESUS SILVA**

**ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO: BEBENDO DA FONTE LITERÁRIA**

Monografia apresentada ao curso de Letras -  
língua portuguesa e suas literaturas - da  
Universidade Federal do Tocantins, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
licenciado em Letras.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (Avaliadora)

---

Profa. Dra. Andrea M. L. Mateus(Avaliadora)

Dedico este trabalho a Deus, pela bênção por ter me dado a oportunidade da realização deste curso, ao meu esposo, aos meus pais e sogros, pelo apoio por estes longos anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigada a você que está sentado na biblioteca lendo este trabalho, saiba que fiz isso também, pegava as monografias e lia os agradecimentos e imaginava como seria o meu.

Seja diferente, mesmo à margem dos outros, para muitos, você pode, acredite em si! Ouse com a literatura, ela oferecerá possibilidades de conhecimento de mundos, conhecimentos sobre si e sobre o próximo. Foi a literatura que me mostrou como é grande o seu papel na formação do indivíduo como ser pensante e crítico. Em uma sociedade exclusivista, ensinou-me a ver o mundo com um novo olhar.

Agradeço a Deus, por ser meu refúgio nas horas em que mais precisei e preciso; por meio Dele é que tenho pais maravilhosos (papi e mami poderosos), que fazem tudo por mim e para mim, AMO VOCÊS...

Durante minha jornada na Universidade conheci três mulheres fortes, guerreiras, mulheres que me surpreenderam e também a si próprias, por tamanha beleza e empoderamento. Alice por seus joelhos dobrados em oração por mim, Cléo por sempre orar e querer o melhor para mim, Selma por ser calma e positiva e por todas as apostilas que comprou, a todas vocês muito obrigada por serem Amigas, companheiras e confidentes.

Gilson (Tigrão) meu marido, obrigada por me acompanhar nessa montanha-russa que é a vida de uma universitária, obrigada por me ajudar quando nem eu sabia o que fazer, por todas as palavras de carinho, sendo ouvinte, apoiando e me acalmando... Amorção, tudo o que passei vai valer a pena!

Catiti, muito obrigada pela sua generosidade e humildade em compartilhar seus conhecimentos; uma professora que incentiva e acredita no aluno, sinto saudades de suas aulas. Professora Eleuda, essa paixão me fez mudar de opinião e me acrescentou um conhecimento, e continuará presente no meu processo contínuo de crescimento como ser humano. Espero em minha vida de professora poder impactar alguém como você fez.

E não poderia esquecer de agradecer a Carolina Maria de Jesus, que me mostrou como as palavras são bálsamo para um coração em constante combate.

Toda Honra e Glória seja dada a JESUS CRISTO, por ter me outorgado a oportunidade de terminar meu curso superior, obrigada por todo Amor e Cuidado,

por ser Pai tão Carinhoso e Fiel. E agradeço a mim mesma, por me manter em sã consciência e saber o meu próprio limite, ir além e dizer:

**EU CONSEGUI!**

Obrigada caro Leitor que leu esse desabafo em forma de ensaio.

P.S.: Mestrado me aguarde.

## RESUMO

Qual é o lugar da Literatura em nossas vidas? A Literatura contribui para uma reflexão dos acontecimentos que nos rodeiam? O propósito dessa Monografia é responder estas questões que me estimularam enquanto leitora, contribuindo para afirmar o quanto a literatura é real, íntima de nossos conflitos. Em uma época onde as diferenças em julgamento crescem à velocidade da luz, uma vida literária nos conduz a caminhar por diversas possibilidades, para a compreensão do próprio eu e do outro. Com base na literatura de Carolina de Jesus, uma autora periférica e marginalizada que escreve para ter sua voz presente na sociedade incompatível com uma mulher negra e favelada, em diálogo com autores que pensam a questão da educação, da mulher e da periferia - Antonio Candido, Gloria Anzaldúa, Heloísa Buarque de Holanda, Paulo Freire e Sérgio Vaz – demonstramos que a literatura nos transforma e desenvolve enquanto humanidade, auxiliando a nos posicionar com nossos próprios argumentos mesmo no contexto onde o “diferente” é inadequado ou excluído.

**Palavras-chaves:** Literatura, Escrita Periférica/Marginal, Carolina Maria de Jesus

## **ABSTRACT**

What is the place of literature in our lives? Does literature contribute to an understanding of the events that surround us? The purpose of this monography is to answer those questions that I have found stimulating as a reader, contributing to the affirmation that literature is real, and intimate to our conflicts. In an age where differences in judgments grow at the speed of light, to hold a literary life leads us to walk in a world of possibilities, improving our understanding of ourselves and others. Based on the literary works of Carolina de Jesus, a peripheric and marginalized author who writes to have her voice heard in a society that excludes black women living in slums, as well as the works of authors dealing with the role of education, women issues and periphery – Antonio Candido, Gloria Anzaldúa, Heloísa Buarque de Holanda, Paulo Freire, and Sergio Vaz – we will demonstrate that literature has the power to transform and to develop us as human beings, helping us to take a stance in our arguments even on context where “difference” is considered inadequate and is doomed to be excluded.

**Keywords: Literature, Peripheral / Marginal Literature, Carolina Maria de Jesus**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A vida de Carolina de Jesus além da favela do Canindé, seu quarto de despejo..	14
Figura 2: A escritora durante a noite de autógrafos do "Quarto de Despejo", em São Paulo, 1960.....	15

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
MENU .....	14
1º PRATO: “A LITERATURA NOSSA DE CADA DIA DAI-NOS HOJE...” .....	17
2º PRATO: SOCIEDADE, PERIFERIA .....	21
PRATO PRINCIPAL: O PODER QUE A LITERATURA TEM.....	26
CONCLUSÃO .....	31
REFERÊNCIAS.....	32

“Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem”. (Carolina de Jesus – *Quarto de Despejo*)

## INTRODUÇÃO

Como escrever uma monografia, TCC, qualquer texto acadêmico, sem sentir se afogar por inteiro nos nossos escritos? Acredito eu, não tem como, por mais que queira ficar distante tentando ser indiferente, deixamos marcas em cada palavra escrita, tem rastros que nos identificam, que nos denunciam, somos meros seres mortais diante de algo maior que todos nós.

Para uma pessoa como eu, cujos pais são semi-analfabetos, que tiveram uma vida difícil; agora posso ver como é para minha mãe ajudar o meu irmão caçula Carlos Eduardo (Enjoozinho é como o chamo) em seus deveres escolares. Estudei grande parte da vida na Rede Pública de Ensino, não tive livros como incentivo em casa, ler para mim era somente em sala de aula e foi assim até a minha chegada na Universidade.

“Meu Deus! Para quê aula de literatura, uma disciplina sem importância alguma, não vai me ajudar em nada na carreira profissional. O curso de Letras deveria ter apenas Gramática, isso sim é o essencial”.

E esse pensamento caiu por terra quando vi uma professora com seus cabelos encaracolados, com sandálias estilosas, voz grossa e A-P-A-I-X-O-N-A-D-A pela literatura, chega a ser palpável.

Fiquei na 1ª prova que tive com essa professora, foi aí que tomei a decisão, iria me esforçar ao máximo, iria anotar cada palavra que era dita em sala e pesquisar em casa. O que me surpreendeu, pois com tantos professores que tive na UFT, apenas ela me fez ter esse sentimento.

Com essa professora, a literatura foi me conquistando e fazendo-me mudar de opinião: Caramba! A literatura te abre os olhos de tal maneira! Uau!

E para causar um impacto maior: BUM! Mostra uma escritora (a qual ainda necessita ser reapresentada, estudada com olhares famintos e ansiosos): Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, e começamos a estudar sobre a Literatura Marginal/Periférica. Lendo o livro para um trabalho no último período, vi em certos relatos de Carolina a vida difícil de meu pai (a fome), até comentei sobre isso no trabalho. Agora me fala Leitor, como posso escrever a monografia ou TCC, ou seja, lá o nome que você der como posso não me posicionar?! Aviso que coloquei meu coração em cada palavra, vogal, consoante...

É-nos avisado para sermos imparciais, sempre escrevendo em 3ª pessoa, escrevendo para quem lê se colocando na posição de leitor; escrevi na necessidade de apresentar o que me impactou, que me fez enxergar semelhanças vividas por alguém muito especial para mim, para meus pais (o Fofura e mami Poderosa), escrevi para quem tem medo de escrever, a literatura dá esse concreto seguro. Eu posso sim escrever e quem sabe poderei algum dia ser lida, assim como foi Carolina Maria de Jesus, uma autora muito além dos preconceitos de sua época, vista como “diferente”, inconformada com as injustiças, uma autora incompreendida por tantos, lutando bravamente com suas inquietações por meio de seus escritos.

Este ensaio está organizado em três capítulos, que serão intitulados “Pratos”, o signo cheio da fome que sustenta o livro: o Primeiro Prato chama-se “A Literatura nossa de cada dia dai-nos hoje”, no qual trato da literatura como forma de nutrição para nossa mente, dando ênfase a essa afirmação de Antonio Candido, no seu famoso ensaio sobre a literatura enquanto um direito básico (em “Vários escritos – O direito à literatura” 1988). No Segundo Prato: Sociedade, Periferia, mergulhou no conceito de literatura e marginalidade, e como a literatura dá palavra aos esquecidos pela sociedade, com o tempero das escritoras Gloria Anzaldúa (“Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, 2000), e Heloísa Buarque de Hollanda (ensaio “Descobertas, Sonhos e Desastres nos Anos 60”, 2004), e do poeta ativista Sergio Vaz (“Manifesto da Antropofagia Periférica”, 2007). No Prato Principal desse alimento proposto por Carolina Maria de Jesus recorreremos a Paulo Freire para reforçar sobre o poder que a literatura confere no crescimento dos sujeitos, e como professor e aluno são contribuintes um do outro na troca de experiências, contrariando o “ensino bancário” (conceito de Paulo Freire, no qual o professor é quem detém o conhecimento, que ele repassa ao aluno, sem considerar o saber intrínseco que toda pessoa tem).

## MENU



Figura 1: A vida de Carolina de Jesus além da favela do Canindé, seu quarto de despejo

Carolina Maria de Jesus, neta de escravos e filha de uma lavadeira, pai ausente (devido ser uma filha nascida fora do casamento), nasceu na cidade de Sacramento em Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914; aos 23 anos perde sua mãe e vai embora para a capital paulista no ano de 1947 (quando surgiam às primeiras favelas), tendo um emprego de doméstica. Trabalhou na casa do médico que realizou o primeiro transplante de coração no Brasil (Euryclides de Jesus Zerbini). Nas horas de folga Carolina Maria de Jesus ficava lendo na biblioteca do médico. Os autores que eram lidos de preferência por ela revelam o seu modo de escrita (Casemiro de Abreu, Castro Alves e Olavo Bilac), a linguagem simples com palavras bem elaboradas, tendo uma compreensão de sua própria existência como cidadã em sociedade, uma mulher com uma consciência política forte, que usava as palavras como remédio para sua alma e espírito: “Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter.” (JESUS, 1960, p. 13).

Sendo mãe solteira, teve sua permanência retirada da casa dos patrões, indo parar nas ruas; devido à proposta de um político (Lucas Nogueira Garcez), todos os moradores de rua foram despejados para a favela do Canindé (daí o título do livro *Quarto de Despejo*). Ali, Carolina começou a escrever todos os acontecimentos do seu cotidiano e dos moradores da favela. Retratando as misérias, o esquecimento a

que são impostos pelos políticos e a própria sociedade, relatando as desigualdades e as injustiças contra aqueles que são jogados no “quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus tornou-se uma escritora além de seu tempo, um passo à frente e com uma visão diferenciada de futuro.

Em 1960 teve seu livro *Quarto de Despejo* publicado pelo jornalista Audálio Dantas, que no prefácio relata que manteve a escrita de Carolina Maria de Jesus e em outros casos “substituiu” palavras para um melhor entendimento durante a leitura; descobriu a autora por meio de uma reportagem que fazia sobre a favela, e a encontrou reclamando dos homens que ocupavam o balanço, único brinquedo das crianças. Foi um encontro inusitado, com uma mulher que ameaçava relatar o que estava acontecendo: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa”. (JESUS, 1960, p. 17).

O *Quarto de Despejo* teve uma primeira tiragem de 10 mil exemplares, que se esgotou em uma semana. E foi o fenômeno editorial daquele ano. Outras tiragens se sucederam, e o interesse na autora foi além das fronteiras nacionais. O *Quarto de Despejo* ganhou o mundo. Carolina foi a primeira escritora favelada a ter um livro publicado no Brasil (e veio daí o início concreto da Literatura Periférica/Marginal). Com o dinheiro da venda de seu livro realizou o sonho de comprar uma casa e sair da favela do Canindé. Além do livro de maior sucesso, traduzido para treze idiomas, escreveu romances, provérbios, letras de música, peças de teatro e poesia.

**Obras:**

Quarto de Despejo – 1960

Casa de Alvenaria – 1961

Pedaços da Fome – 1963

Provérbios – 1963

**Póstumos:**

Diário de Bitita – 1986

Meu Estranho Diário –  
1996

Antologia Pessoal - 1996

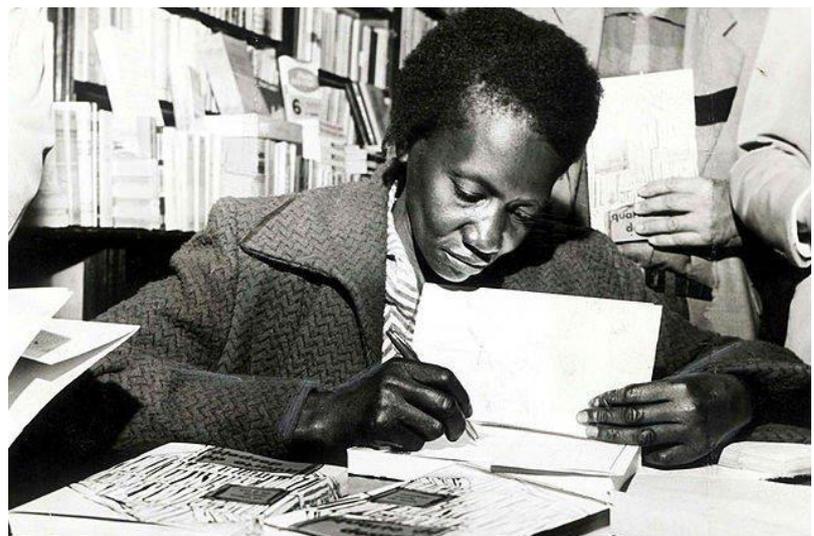


Figura 2: A escritora durante a noite de autógrafos do "Quarto de Despejo", em São Paulo, 1960

Apesar do início promissor, Carolina de Jesus acabou “esquecida” a partir de 1964, tendo seus escritos e sua história voltados ao conhecimento dos leitores e do mercado editorial somente com a redemocratização do Brasil. A escritora morreu em 13 de fevereiro de 1977, sem ter visto seu retorno ao banquete da literatura.

## 1º PRATO: “A LITERATURA NOSSA DE CADA DIA DAI-NOS HOJE...”

Imitando um versículo do Evangelho de São João (do “Pai Nosso” que Jesus anunciou), a literatura é a nutrição para manter mente e corpo sadios, abastecendo com reflexões, inquietações e conhecimentos, deixando o indivíduo ileso das enganações sociais. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. (CANDIDO, 2011, p.175)

É através dela que podemos valorizar ainda mais nossa cultura, crenças e as diversas lutas e compreender pelo que lutar; a literatura é essencial quanto as refeições que fazemos, deve estar no mesmo nível de importância das matérias de cálculo nas escolas, nas rodas de conversas com os amigos, é o remédio que cura a ignorância do indivíduo.

A literatura não é somente prazerosa, ela incomoda, retrata o que é impróprio na sociedade, são as diversas vozes (mulheres, negros, pobres, gays...) que utilizam esse caminho para serem ouvidos e enxergados.

Abrindo a “Caixa de Pandora<sup>1</sup>”, a literatura deixa escapar as diversas expressões culturais, sem ter a preocupação do conteúdo encontrado, não impondo barreiras ou limites para essas manifestações que impeçam a existência da esperança que o indivíduo almeja encontrar, para “(...) dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações.” (CANDIDO<sup>2</sup>, 2011, p.175)

Ela agrega, acolhe, mas não dá o conforto, expõe as diversas possibilidades (poemas, cordéis, músicas, danças, entre outros) que possam ser utilizados, para jamais serem esquecidos pelo tempo, deixando marcas para as próximas gerações.

Percorre entre o presente, passado e futuro, ela é ativa, movimenta constantemente de mãos dadas com o “Eu interior”, uma proximidade íntima e exclusiva para cada receptor que a experimenta, tendo uma conectividade com o emissor. Pela literatura é que conhecemos o que a seca representa na vida de um nordestino, sabemos o valor de um caderno achado no lixão, percebemos que a

---

<sup>1</sup>Caixa de “Pandora”: “É um mito sobre a criação do mundo e do homem; (...) Pandora foi tomada por intensa curiosidade de saber o que continha aquela caixa, e, certo dia, destampou-a para olhar. Assim, escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas que atingiram o desgraçado homem (...)” (BULFINCH,2014, p.24)

<sup>2</sup>Antonio Candido (1918-2017) foi sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro. Teve sua obra reconhecida com os seguintes prêmios: Jabuti 1965, Machado de Assis 1993, Prêmio Camões 1998 e Prêmio Alfonso Reyes 2005, este no México. **Disponível em:** [https://www.ebiografia.com/antonio\\_candido/](https://www.ebiografia.com/antonio_candido/). Acesso em: 09/11/2018.

poesia é feita de fatos, a solidão do exilado de seu exílio, temos todos os cinco sentidos apurados e refinados pelo sofrimento, a dor nas linhas literárias.

Não pode ser negado aos cidadãos esse maná humano, pois é devido a essas experiências vividas de fato que conhecemos o nosso lugar, nossa gente e costumes. Como negar aos jovens o verdadeiro gosto de uma liberdade que teve lágrimas derramadas devido às demagogias de uma sociedade exclusivista, que fecha os olhos para aquilo que é “anormal” para o seu padrão de vida? Não podemos deixar que os jovens vivam com a sensação que tudo seja perfeito ou aceito, a literatura e o que ensina e educa o que é certo e errado, faz o papel do quais muitos desejam fazer e por diversas razões são incapazes, é por ela que os que se encontram à margem da vida são lembrados e vistos. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 2011, p.180)

Na literatura é que podemos enxergar os erros para serem corrigidos com eficácia e ensinar aos nossos, que todos nós temos direitos e deveres. Direito a ter uma vida digna, direito à saúde, direito a um ensino com qualidade e direito à literatura acessível a todos que queiram experimentar o verdadeiro pão que dá vida eterna.

Segundo Antonio Candido (1988), existem bens que não podem ser negados, a literatura faz parte desses bens para o indivíduo, é por meio dela que temos a coragem de mostrar quem realmente somos ou podemos encarnar em novos corpos, nos colocando no lugar do outro, sem medo, quebrando barreiras do desconhecido sem julgamentos.

A literatura inibe o contra-ataque da opressão e da ignorância, paralisando a cegueira de um povo sedento por liberdade. Carolina M<sup>a</sup> de Jesus em seu livro *Quarto de Despejo* dizia que suas palavras ferem, um dos requisitos da literatura é de machucar o senso crítico do indivíduo, abrir feridas para mostrar realidades que muitos tentam esconder.

Devemos parar de tratar a literatura como um quebra-galho para o ensino de gramática, em tempos tão conturbados quais estamos enfrentando, o ensino deve ser além da sala de aula, o ensino deve destruir os muros do preconceito e aniquilar toda e qualquer intolerância (racial, política, religiosa, de gênero, de opção sexual...). Não estou dizendo que o ensino deve tomar para si a responsabilidade de pais, mas

deve sim ter a responsabilidade de mostrar caminhos para que o estudante saiba ter sua posição crítica e pensante na sua comunidade, dando sua contribuição para novos rumos e lideranças.

Através da literatura nos tornamos mais humanos, deixamos de serem máquinas de reprodução, com ela temos a compreensão de toda nossa complexidade e a do próximo, criamos possibilidades de caminhos diferentes do qual vivemos.

Confesso, sou culpada! Gosto de ler romances de época (desses que compramos em bancas de jornal) e comecei a perceber como as mulheres eram tratadas como frágeis e servirem apenas para reprodução, e fiz comparações com o ano de 2018 como as mulheres estão sendo vistas e tratadas atualmente, e me vi cada vez mais interessada por leituras diferentes.

Sofremos constantes transformações humanas e nos contextos históricos, e a literatura faz a metamorfose para caminhar harmonicamente conforme nossas necessidades, pensamentos, sentimentos e valores. Segundo Candido, "(...) um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos." (1988, p.182)

Acredito que a literatura é constituída de personalidade, conforme o perfil do indivíduo vai-se moldando para andarem em comunhão; tornando objeto de atração diante de seus olhos. Sendo uma doadora insaciável, a literatura vai crescendo sobre nós com a função de formadora, gerando questionamentos e trocas de experiências para irmos a níveis mais complexos, abordando diferentes problemas para nos tornar sensíveis às diversas condições existenciais a que somos expostos. "Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção." (CANDIDO, 1988, p.177)

Infelizmente nos estabelecimentos de ensino a literatura sofre um aborto involuntário de assuntos considerados polêmicos, distanciando o educando da sua realidade (sou um exemplo disso); a literatura é para ser vivenciada, só vamos conseguir chamar atenção para a questão literária se a deixarmos mais próxima do cotidiano que rodeia os jovens.

Podemos sim contar com a literatura para uma educação humanizadora, liberando os indivíduos para serem donos de si mesmos, dando-lhes voz própria.

“(…). Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.” (CANDIDO, 1988, p.186)

A educação mutilada se torna frustrante e faz com que os educandos se tornem escravos da ignorância de outros, e como futura professora fico inquieta em pensar como poderei abordar assuntos considerados polêmicos, se a própria educação institucionalizada não permite. Em toda minha vida de estudante vim conhecer a Literatura Marginal na Universidade, antes disso nunca tive um debate sobre a pobreza, desigualdade social, o negro, entre outros. Chega a ser angustiante quando penso sobre essa questão.

A literatura é a resposta, mas o preconceito e a falta de uma verdadeira Política Pública no ensino vêm dificultando a educação de qualidade, o ensino não é casulo, o ensino deve ser livre, sem amarras. “(…). E reciprocamente, que a literatura pode incutir em cada um de nós o sentimento de urgência de tais problemas.” (CANDIDO, 1988, p.184)

Tanto o ensino como a literatura vivem de fatos e não podemos fechar os olhos e fingir que a educação pública não é longe do cotidiano de seus estudantes. Incluindo a literatura teremos um ganho de qualidade no ensino e encontraremos o auxílio para que o indivíduo possa produzir com valor, sendo gerador de suas próprias opiniões, conhecendo a realidade que o cerca, não sendo colocado em “bolhas”.

Penso que a literatura está para o debate, para tirar as vendas e algemas, ela nos dá a compreensão humana, esse é o pão de cada dia que nos falta para termos nutrida a verdadeira liberdade. Era assim que pensava Carolina Maria de Jesus: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido”. (JESUS, 1960, p. 35).

## 2º PRATO: SOCIEDADE, PERIFERIA

Após conhecer (um pouco) Carolina Maria de Jesus, em seu livro *Quarto de Despejo*, quis me aprofundar no tema da Marginalidade, que a sociedade instituída tenta esconder o que é desagradável aos seus olhos. E através da leitura pude vivenciar o cotidiano difícil da escritora. Carolina de Jesus sabia de sua condição precária, mas não aceitava a coisificação pela ignorância. Uma mulher forte remava contra a realidade em que vivia e mostrava-se aos que estavam ao seu redor, e tendo o gosto incomum da leitura foi se redescobrimo uma escritora da desigualdade.

O livro *Quarto de Despejo* fez-me enxergar o mundo das palavras muito além das regras gramaticais, mostrou-me como é a fome por uma pessoa que realmente vivenciou com tamanha intensidade e a descreveu com uma clareza de fatos reais, contando sem segredos o que é comum a todos os dias dos estigmatizados da Periferia... Os que são jogados fora. “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”. (JESUS, 1960, p.33).

Nesses relatos vividos e presenciados por ela (fome, alcoolismo, desigualdade social), nos mostra como foi resistindo e sendo uma combatente das adversidades pela escrita, contrariando até mesmo os seus vizinhos. Sendo uma voz onde ninguém deseja estar, onde há diversas vozes adormecidas e/ou esquecidas pelo descaso público, e essa mesma voz que não se altera nos dias atuais, lutando contra a segregação dos Direitos Humanos entre a sociedade e a Periferia. “(...) Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada (...)” (JESUS, 1960, p. 43).

Carolina Maria de Jesus fez sua literatura como uma manifestação de sentimento do descaso com que são tratados os que estão na margem; pela literatura, ela expõe o verdadeiro “eu” de cada pessoa (moradores da favela, políticos e sociedade), mostrando o real de cada palavra escrita em seu diário em folhas “inúteis”, mas que contam a versão dos viventes periféricos. Antonio Candido afirma: “(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela.” (CANDIDO, 1988, p. 174).

A ideia aqui não é somente falar da cor ou da condição social de Carolina, mas sim, de como a escritora exprimiu-se com a literatura muito além de mero desabafo, expondo publicamente o que tantos querem ocultar, trazendo à tona que os “marginalizados” também produzem cultura, podem acrescentar para nossa sociedade riquezas sendo o “oposto literário”, usando o seu próprio linguajar. “Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete a nossa cultura, o nosso espírito (...)” (ANZALDÚA<sup>3</sup>, 2000, p. 229).

O oposto literário é a libertação do corpo, alma e a imposição social, é a voz e escrita do favelado, negro, homossexual etc., falando de si mesmo para os outros, sem a interferência do “branco”, mostrando de fato o que acontece ao seu redor (preconceito, exclusão, entre outros).

Nos escritos de Carolina Maria de Jesus, notamos em seus relatos diários que a periferia não tem lugar, é uma luta árdua contra a “ditadura” da elite para poder existir, para manter a vida dos excluídos, evitando o silêncio da opressão cultural. Para Carolina (1960), diante da sociedade quem vive na periferia não existe. A linha que delimita a periferia e a sociedade são as oportunidades que fazem a integração do todo, são vantagens usadas de forma exclusiva, tentando impor limites à criação literária periférica; sendo essa florescendo pela resistência de ser gerador do próprio “mundo”, afetando a própria marginalidade, cumprindo o intuito de ser você mesmo e não aceitar os “modismos” que são colocados de maneira sorrateira pela minoria; recusando a submissão à vontade do outro, colocando a voz periférica em tom alto.

No ensaio de Gloria Anzaldúa - “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, ela encoraja as mulheres a terem poder por si mesmas, de lutarem para dar suas contribuições literárias.

O ato de escrever é uma guerra com o eu e contra uma sociedade cheia de julgamentos e normas, e a literatura periférica usa o seu dever de expressar sua opinião saindo dos cativeiros impostos por preconceitos, deixando o anonimato para

---

<sup>3</sup>Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) reconhecida internacionalmente, autora versátil publicou poesia, ensaios teóricos, contos narrativos autobiográficos entre outros. É uma das primeiras autoras americanas de origem mexicana, editora ou co-editora de três antologias multiculturais, ela também desempenhou um papel vital no desenvolvimento feminista de inclusão. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100002). Acesso em: 09/11/2018

ser também o centro das atenções, dando ao leitor a oportunidade de enxergar o caminho da leitura periférica com uma nova perspectiva para uma linguagem mais próxima, real. Segundo Anzaldúa (2000, p. 232): “Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.”

A escrita é para ser um direito de expressar qualquer opinião. Lendo a escritora Carolina Maria de Jesus, percebo que em seus escritos tirava o CARO LEITOR da comodidade para incomodá-lo com as particularidades da leitura marginal, o oposto das literaturas que ficam servindo de enfeites intocados, a literatura periférica questiona o que nos é colocado como educação, o modelo bancário de que falava Paulo Freire, para conceder chances de colocar em linhas as mais variadas formas e cores as palavras (sendo gramaticalmente corretas ou não), a oportunidade do indivíduo ser escritor e ser lido, sendo um transformador de visão. Como escreve Anzaldúa (2000, p. 235): “Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles.”

Escandalizando com papel e caneta o que muitos tentam esconder, a literatura periférica vai quebrando padrões e conceitos, dando lugar para a necessidade de o leitor ter direito e acesso às leituras marginais, sendo ofertados para aqueles que querem ir mais além das leituras obrigatórias nas escolas.

Um dos significados de sociedade é o agrupamento de seres que convivem em colaboração mútua, já na contramão a periferia é o afastamento do centro da cidade, subúrbio; esse distanciamento gera a necessidade dos que estão à margem, lutar pelos direitos de se manifestar. A literatura oferta troca de conhecimentos sem ocultar o ser como um todo, procura mostrar que é por intermédio da palavra, por meio dela, que a marginalidade vem buscando a existência de novos olhares, olhares esses que buscam adrenalina, deixando de serem meros espectadores, mas sendo leitores/escritores, que apontam e avaliam o que diz a sociedade, desviando das direções costumeiras.

A periferia causando impacto com sua linguagem robusta vem revelando uma nova sociedade, não querendo igualar, querendo ter o seu posicionamento reconhecido. O que diz Heloísa Buarque de Hollanda<sup>4</sup>:

(...) prefiro tomar um rumo diferente e me concentrar numa outra descoberta da época, mais importante, e que pode iluminar todas as outras. Falo da surpreendente “descoberta do Outro”, fator decisivo nas formas de luta e resistências culturais que desenharam a década de 60. (HOLLANDA, 2004)

Os anos 60 foram o grande estouro inicial da literatura marginal, primeiro de maneira recatada, deixando o que era importado, para abordar os aspectos das minorias e suas causas e efeitos no social; Heloísa Buarque de Hollanda, em seu artigo “Descobertas, sonhos e desastres nos anos 60”, nos conta as várias descobertas revolucionárias pelas quais o mundo passava e a partir dessas transformações surgiram novos olhares para algo que é próximo da realidade de cada pessoa (o olhar para o outro). Negro, índio, mulher, gay, seres humanos excluídos dos direitos mais básicos para uma sobrevivência digna na Terra.

Esse olhar foi se aprofundando nas misérias de um povo oprimido sem voz e oprimido por injustiças sociais, e os movimentos foram crescendo para que esse outro seja ouvido e falado, discutido pelo nosso país, despertando para as diversas produções para ampliar as vozes que eram adormecidas.

A autora do *Quarto de Despejo* tinha o conhecimento político e social da imposição que inferiorizava os que viviam na favela; desvalorizados os indivíduos tornaram-se submissos aos crimes sociais, forçados a se calarem diante da precariedade da vida.

(...) Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. (...) (JESUS, 1960, pg.34)

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher inconformada com as circunstâncias que a cercavam (a favela, o alcoolismo, a prostituição etc.), escrevia como forma de protesto, usava as palavras de forma íntima para sua própria defesa e a dos outros;

---

<sup>4</sup>Heloisa Buarque de Hollanda formou-se em Letras Clássicas pela PUC-Rio, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na UFRJ e pós doutorado em Sociologia da Cultura na Universidade de Columbia, em Nova York. Seu campo de pesquisa privilegia a relação entre a cultura e desenvolvimento, dedicando-se às áreas de poesia, relações de gênero, culturas marginalizadas e cultura digital. Nos últimos cinco anos vem trabalhando com o foco na cultura produzida nas periferias das grandes cidades. Disponível em: <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>. Acesso em: 09/11/2018.

a escritora fez o despertar para que a literatura pudesse ser de alcance de todos, teve uma luta solitária da quais muitos se perguntavam sobre seu gosto “diferente” pela escrita, mostrou que a literatura pode desvendar os olhos adormecidos pela dominação de superioridade. “A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor” (VAZ, 2007)

A partir dos anos 2000, o poeta Sergio Vaz criou a Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), há um contraste de épocas e de valores se comparados ao tempo de Carolina Maria de Jesus; enquanto a escritora tinha uma luta solitária na favela, Sergio Vaz teve a participação da sua Comunidade, onde todos tinham como objetivo o acesso insaciável à cultura, à literatura, às mesmas oportunidades dos grandes centros, com um grande diferencial: os que vivem à margem são os que produzem seus próprios “alimentos” sem a interferência dominante.

A literatura Periférica/Marginal é um espelho que reflete nosso outro lado, considerado feio, não escondendo os defeitos e nem qualidades, fazendo com que enxerguemos o novo e o velho, as transformações das quais somos capazes de realizar; é por meio dela que podemos matar a fome e a sede para o desenvolvimento humano completo.

“A gente não quer só comida

A gente quer comida

Diversão e arte”

(“Comida”: Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto, Titãs – 1987)

## **PRATO PRINCIPAL: O PODER QUE A LITERATURA TEM**

Davi e Golias, assim penso eu, escrevendo essa monografia, me vi como Carolina Maria de Jesus: ela com as dificuldades de ser mãe solteira, negra, favelada, incompreendida por gostar de ler e de escrever, enquanto eu tenho dificuldades de escrever o meu “Golias”. Durante a confecção vejo o que a literatura fez e continua a fazer em mim (mudanças de valores, opiniões transformadas e agora minhas), além do choro, surpresa, sinto o incômodo do que está por vir em nossa Nação...pessoas nadando na ignorância do retrocesso.

A literatura é uma mistura de amor e ódio, vai nos consumindo como sujeitos, não sendo arbitrária, mas dá-nos o livre arbítrio pelos quais caminhos seguir, e assim podemos ter modificações de pensar e repensar, aprender e conhecer e compreender os acontecimentos a nossa volta; necessitamos ter voz e oportunizar outras vozes de serem ouvidas, a literatura fornece o caminho necessário para que possa acontecer.

Carolina Maria de Jesus usava a literatura e seus escritos como uma medicação para o seu e o sofrimento dos que viviam o descaso na favela do Canindé, medicava-se diariamente em seu diário para descrever como era trabalhoso o seu ganha-pão, como era penosa a condição subumana no cotidiano dos moradores favelados (o convívio do alcoolismo, a violência doméstica, o suicídio, o aborto, entre outros) e como isso afetava Carolina Maria de Jesus: “Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”. (JESUS, 1960, p. 33)

A literatura era o antídoto para seu corpo e espírito de uma luta constante e insaciável; essa luta não era solitária, pois entre a escritora e a literatura havia uma cooperação mútua, conseguindo o apoio onde em nenhum outro lugar se ofertava: “(...) um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro”. (JESUS, 1960, p. 44).

Mas, como escreveu Carolina, a favela também é “o quarto das surpresas” (JESUS, 1960, p. 46). Uma dessas surpresas é o movimento autoral vindo da periferia, das favelas, com antologias literárias de onde emergem autores que descem do morro e chegam ao asfalto. O caso de escritores como Ferréz, no final

do século XX, ou o poeta e ativista Sérgio Vaz<sup>5</sup> (VAZ, 2007), já no século XXI. No seu Manifesto da Antropofagia Periférica, disponível no endereço virtual da Cooperifa, Vaz afirmou:

“É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista cidadão.  
Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não  
compactua com a mediocridade  
que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades.  
Um artista a serviço da comunidade, do país.  
Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.”

O poder da literatura é um remédio combatendo os efeitos de toxinas da perda do caráter humano, nos resgatando para o despertar de emoções esquecidas, podendo usar esse antídoto literário para a libertação da indiferença com as questões públicas e sociais. Esquecer de nós para entrar em outras realidades, de envolver-nos com os fatos, sendo transportados para o imprevisível; a literatura nos tira da nossa rotina e diante de nossos olhares vai doando todo o seu conteúdo.

Com o poder literário, temos a restituição do humano, seu ser crítico, o ser que se coloca no lugar do outro, somos capazes de dar voz aos que não são aceitos e respeitados na sociedade: “porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer” (JESUS, 1960, p. 55), revolta-se a escritora catadora, que também ensinou: “(...). A fome também é professora.” (JESUS, 1960, pg. 26).

Somos portadores de tantas Carolinas Maria de Jesus, que sofrem, lutam pela sua sobrevivência. Na literatura podemos debater os mais diversificados temas e assuntos, através dos conhecimentos podemos defender e acusar, mas não podemos, sabendo, silenciar, e aceitando as injustiças, legalizar os preconceitos.

“(...). É preciso saber que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. (...)” (FREIRE<sup>6</sup>, 2001, pg. 261).

---

<sup>5</sup>Sérgio Vaz (Ladainha, Minas Gerais, 1964). Poeta, cronista e produtor cultural. Nascido em Minas Gerais, muda-se criança para Taboão da Serra, região metropolitana de São Paulo. Na adolescência, trabalha no bar de seu pai. Interessado por literatura, começa a escrever letras de música para uma banda formada por amigos. Disponível em: <https://twitter.com/poetasergiofaz>. Acesso em: 11/11/2018; fundou em 2000 a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), também foi o criador do Sarau da Cooperifa, promoveu em 2007 a Semana de Arte Moderna da Periferia, criou outros eventos como: Chuva de livros, Poesia no Ar e o Ajoelhaço. Disponível em: <http://literaturaperiferia.blogspot.com/2014/10/biografia-sergio-vaz.html>. Acesso em: 09/11/201

Precisamos dos olhares da literatura para poder caminhar para transformações que dão contribuições para a compreensão que se tem da própria existência e dos que estão ao nosso redor.

Como uma futura docente vejo com outros olhos o valor da literatura e o seu poder de chocar, impressionar, de ser agradável ou não, e por meio desse poder podemos realizar o milagre da mudança, de aproximar os alunos desse poder diferenciador. O papel do professor na sociedade, apesar de todas as dificuldades no Ensino (infraestrutura, verba, evasão escolar etc.), é chamar a atenção para que o ensino seja o mais próximo da realidade vivida pelo aluno.

O poder literário é fazer do indivíduo um ser questionador, sempre faminto pelas trocas de conhecimento, favorecendo a relação do professor com o aluno, do aluno com o professor, de todos como sociedade.

Temos o dever como professores de ajudar o nosso aluno a ter um novo olhar para a literatura, a fazer uma aproximação que contribua para seu crescimento. A literatura abre os nossos olhos para desvendar as armadilhas sociais; por ela é que podemos dizer aos alunos que somos seres em constante crescimento e que seremos ouvidos, que todos por tantas vezes têm suas vozes abafadas por intolerâncias ou mal interpretados, sim, mas eles fazem a diferença, todos podem fazer literatura, e todos são importantes para a contribuição da cultura do país.

Contando um pouco sobre minha experiência com a literatura no percurso escolar: foi apenas para “tapar buracos”, o ensino da literatura era utilitarista, somente para o aprendizado da gramática, e isso me prejudicou em minha consciência crítica e ampliou as dificuldades na interpretação de textos e na minha escrita.

“Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduados falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever.” (FREIRE, Paulo 2001, pg. 267)

E o meu caminho na Universidade causou um grande impacto no meu ser crítico, na minha posição como mulher e na minha escrita; fiquei mais de 12 meses

---

<sup>6</sup>Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador do método inovador no ensino da alfabetização para adultos. Trabalhando com palavras geradas a partir da realidade dos alunos, seu método foi levado para diversos países. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/paulo\\_freire/](https://www.ebiografia.com/paulo_freire/). Acesso: 09/11/2018.

aterrorizada para escrever a monografia, não sabia como me posicionar e como escrever. Durante as aulas de literatura que tive, minha visão de mundo foi sendo renovada, comecei a dar pequenos passos, a tirar minhas próprias conclusões, de pessoa conduzida a libertada pelo poder literário, que me livrou das “muletas” colocadas cruelmente pela ignorância social.

A literatura não afasta, não impõe, não exige de você sua consciência, sua opinião, sua alma, ela simplesmente contribui para um novo pensar e repensar; dá o ontem, o hoje e o amanhã para que tenhamos o conhecimento, ajudando-nos a caminhar com autonomia, nos tornando portadores da liberdade. A literatura tem o seu próprio valor, sua independência, não precisa de outras matérias para se tornar viva, o aluno com ela cria novos mundos, será capaz de falar, expressar-se, de ser único no meio das multidões. “Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol”. (JESUS, 1960, p. 52)

Nossos alunos sentem a necessidade de falar, de saber que sua voz tem valor socialmente. Durante meus estágios em um Colégio Estadual na cidade de Araguaína, comecei a enxergar os conteúdos dados em sala de aula de maneira que contribuíssem para o crescimento crítico dos alunos. Procurei na literatura contos que fizessem os alunos ter reflexões por si mesmos e com os outros no âmbito escolar.

Realizamos debates empolgados e os próprios alunos foram fazendo referências com o seu próprio cotidiano, como é gostosa essa troca de experiências, e foram reais devido à literatura. Que espanta medos, angústias, são tantas as inquietações, como um furacão na vida dos jovens. A literatura é doadora de várias possibilidades de caminhos para a reflexão, para vermos a injustiça sendo disfarçada como um bem para todos, e como é gratificante saber desse auxílio literário para termos pessoas sadias que criam suas próprias opiniões, uma verdadeira conscientização onde todos nós temos direitos e deveres, respeitando as diversidades.

(...) O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica a medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. (...) (FREIRE, 2001, pg.259).

Devemos entender como a literatura dá contribuições e quebra os estigmas colocados como forma de ensino de outras matérias: ela tem o poder de

transformar, incomodar, de “rasgar o véu” da sociedade, recriar e criar colaborando no individual e no coletivo, fazendo que o aluno se renove para o conhecimento. A literatura é necessária, sendo urgentes para nós seres pensantes, com ela os alunos têm a oportunidade de conhecer novos mundos, diferentes realidades, sendo capazes de deixarem de ser mais um na multidão, para serem diferentes, ousados, falando pelas multiplicidades de culturas, com fé por dias melhores.

É com esse poder literário que podemos pensar a literatura como nutrição para o nosso crescimento, admitindo que somos falhos mas podemos recomeçar e mudar, ganhando a confiança que o privilégio tanto nos quer tirar, impondo suas normas para sermos “aceitos” do que seja o correto no convívio social, gerando-nos inseguranças e complexos de inferioridade. Citando um grande exemplo da autora do livro *Quarto de Despejo*, uma mulher negra, com pouco estudo, mãe solteira, favelada, que escreveu os caminhos dos mal aventurados da favela do Canindé, escreveu de forma nua e crua sobre os viventes de um país dividido em duas partes: uma parte das “bens aventuranças”, onde todos têm as melhores oportunidades de comida, estudo, cultura; já a outra parte vive em plena desordem social, faminta, sem esperança de melhorias. A autora desenhou o retrato que perpetua nos dias de hoje as desigualdades, os contrastes; escreveu com punhos firmes, mostrando com os diversos obstáculos que enfrentava que a literatura é o resgate de que necessitamos para destruir as separações que nos bestializam enquanto sujeitos.

## CONCLUSÃO

Andamos na corda bamba e para nos equilibrar precisamos de pés firmes, respirar fundo e prosseguir. A literatura é o respirar fundo e prosseguir, ela nos guia por tempos incertos, através da literatura enxergamos a diversidade do mundo e podemos ir contra tudo o que nos aprisiona, cega, quebrando muralhas da ignorância e nos livrando das seduções opressoras.

Por fim, somos nós que fazemos a história, sempre insaciáveis para deixar nossas marcas para sermos lembrados. Qual é a marca que você quer deixar para as próximas gerações? Como você quer ser lembrado? “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra”, escreveu Carolina (JESUS, 1960, p. 147). A literatura está posta e é a resposta, ela faz com que façamos o exercício interrogativo dessas reflexões. Somos muitas Carolina Maria de Jesus, só que a sociedade excludente nos quer apagar por ter medo de nossa força. Respire fundo e prossiga em frente.

Ouse aventurar-se nos diversos caminhos literários, perceba a leitura e a escrita como possibilidades para uma nova ou uma outra compreensão, tendo seu próprio empoderamento para perceber os demais com suas qualidades e defeitos, querendo lutar realmente pelo crescimento bem alimentado da mente e do corpo.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria E. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo – Ensaio ESTUDOS FEMINISTAS, 2000.**

**ANZALDÚA, Gloria Evangelina.** Revista Estudos Feministas. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100002). Acesso em: 09/11/2018

BULFINCH, Thomas. **O livro da Mitologia** - Histórias de Deuses e Heróis, tradução David Jardim, Rio de Janeiro, Ed. Agir 2004

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos-ODIREITO À LITERATURA**, Ed. Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 1988

CANDIDO, Antonio. **Sociólogo e crítico literário brasileiro.** Disponível em: [https://www.ebiografia.com/antonio\\_candido/](https://www.ebiografia.com/antonio_candido/). Acesso em: 09/11/2018.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. **Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra, Estudos Avançados.** 2001.

FREIRE, Paulo (biografia). Disponível em: [https://www.ebiografia.com/paulo\\_freire/](https://www.ebiografia.com/paulo_freire/). Acesso: 09/11/2018.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Descobertas, Sonhos e Desastres nos Anos 60.** Disponível em: <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/descobertas-sonhos-e-desastres-nos-anos-60/>. Acessado em 28/09/2018.

**HOLLANDA , Heloisa Buarque de.** Disponível em: <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>. Acesso em: 09/11/2018.

JESUS, Maria Carolina de. **QUARTO de DESPEJO, EDIÇÃO POPULAR.** 1960.

Trecho da música: **Comida, banda TITÃs.** Composição: Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto, 1987. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/91453/>. Acesso em 24/10.1018.

VAZ, Sergio. **Manifesto da antropofagia periférica 2007.** Disponível em: [http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=23734](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=23734). Acesso em 24/10/2018.

VAZ, Sergio. **Literatura Marginal.** Disponível em: <http://literaturaperiferia.blogspot.com/2014/10/biografia-sergio-vaz.html>. Acesso em: 09/11/2018.